

# Subvertendo o Código Penal e a monogamia: Arranjos afetivos e familiares envolvendo praticantes de assaltos contra instituições financeiras

**Jânia Aquino**  
Professora da UFC

Recebido em: 01/09/2015  
Aprovado em: 02/02/2016

O artigo aborda namoros e casamentos mantidos em simultaneidade por participantes de assaltos contra instituições financeiras. Em curtos intervalos de tempo, esses homens acumulam altas somas, e parte delas são investidas em negócios legais. Para permanecer foragidos da polícia, utilizam documentos falsificados e nomes fictícios. É recorrente que um assaltante encene variados personagens, correspondendo, cada um, a um conjunto de bens e a uma companheira. O texto discute as relações entre essa atividade ilegal e as peculiaridades na vida afetiva de seus praticantes, marcada por experiências de poligamia velada e pela mobilização de múltiplas identidades.

**Palavras-chave:** arranjos afetivos, namoros e casamentos, monogamia e poligamia, assaltantes de banco, atividade criminal

**Subverting the Criminal Code and Monogamy: Affective and Family Arrangements Involving Practitioners of Robberies Against Financial Institutions** discusses dating and marriages kept simultaneously by participants of robberies against financial institutions. In short periods, these men accumulate large sums of money and some of them are invested in legal businesses. To remain a fugitive from police, they use forged documents and fictitious names. It is recurring that a burglar acts out different characters, each one corresponding to a group of assets and a companion. This paper discusses the relationship between this illegal activity and the peculiarities in the emotional life of its practitioners, marked by veiled polygamy experiences and the mobilization of multiple identities.

**Keywords:** affective arrangements, dating and marriages, monogamy and polygamy, robberies against financial institutions, criminal activity

**É** recorrente que homens que participam da organização e execução de elaboradas operações de assaltos contra bancos, carros-fortes e empresas de guarda valores mantenham em simultaneidade duas ou três companheiras, residindo em cidades diferentes, sem que as mesmas tenham conhecimento que seus namorados ou esposos estão envolvidos com outras mulheres. As maneiras como esses homens conduzem suas relações afetivas e conjugais estão associadas à condição de praticantes de uma atividade violenta, alvo de repressão policial, que rende altas quantias em curtos intervalos de tempo e envolve contínuos deslocamentos, mudanças de nome e de local de residência. Seus arranjos e artimanhas na vida amorosa ganham inteligibilidade quando analisado o cotidiano desses profissionais do crime, marcado por acontecimentos repentinos, incertezas, riscos de prisão e morte em confrontos armados com a polícia ou com outros assaltantes.

Este artigo aborda arranjos afetivos e familiares envolvendo praticantes de assaltos contra instituições financeiras<sup>1</sup>, residentes em diferentes regiões do Brasil. São enfatizadas algumas características de seus namoros e casamentos e a relação desses enlaces com o cotidiano de assaltantes foragidos da polícia ou de presidiários. As descrições e narrativas apresentadas se baseiam em uma pesquisa de cunho etnográfico, com nove anos de duração. O trabalho foi iniciado com levantamento e análise de notícias de jornais; em seguida foram entrevistados delegados de polícia, policiais e assaltantes naturais de diferentes estados do país, reclusos em uma prisão de segurança máxima do Ceará. A partir desse contato na prisão, foi possível conversar e empreender aproximações etnográficas com praticantes de assaltos que estavam usufruindo de livramento condicional ou foragidos da polícia. No caso de alguns interlocutores, desenvolvi diálogo com suas mães, esposas, namoradas, filhos, parentes e amigos.

### **O cotidiano dos chamados assaltantes de banco**

Uma das características mais ressaltadas por delegados de polícia nas quadrilhas que se formam para realizar assaltos contra instituições financeiras no Brasil é a sua composição interestadual: são coletivos que aglutinam assaltantes residentes em diferentes estados e regiões do país, o que dificulta o trabalho de identificá-los e prendê-los. Com um raio de atuação que abrange todo o território nacional, o cotidiano dos chamados assaltantes de banco é pleno de viagens para diferentes cidades e regiões do país, seja para escolher os alvos de suas investidas, planejar e efetuar as ações armadas, ou para fugir da polícia. Até que sejam identificados ou presos, não costumam revelar o envolvimento em atividade ilegal aos seus familiares. Esposas e namoradas quase sempre tomam conhecimento da "vida secreta" do companheiro em decorrência de prisões súbitas, pela veiculação de suas fotografias ou retrato falado em jornais impressos e programas policiais de TV, ou ainda por fofocas ou alerta de amigos, familiares e vizinhos.

As elevadas quantias que adquirem roubando bancos, carros-fortes e empresas de guarda valores costumam ser investidas em bens e negócios legais. Entre os praticantes de assaltos com quem desenvolvi diálogo, era recorrente a compra de luxuosas casas, apartamentos, fazendas e carros importados. Também se mostrou comum o investimento em comércios, postos de venda de combustíveis, farmácias, lojas de materiais de construção, padarias, dentre outros. Além de garantir a lavagem de altas quantias decorrentes de grandes roubos, ao formarem patrimônio legal, articulam fontes de renda para o sustento de suas famílias e o custeio de suas próprias despesas quando estiverem presos ou sem participar de assaltos por longos intervalos de tempo.

As rotinas desses profissionais dos assaltos reúnem experiências aparentemente contraditórias. Ao mesmo tempo que se apresentam como cidadãos de classe média alta, proprietários de comércios e imóveis, são criminosos procurados pela polícia. Por longos períodos, desfrutam de elevado padrão de consumo, residem em casas confortáveis, utilizam veículos luxuosos, vestem roupas de grife e frequentam restaurantes sofisticados acompanhados de bonitas mulheres. Tais rotinas se desenvolvem mediante o risco de a "máscara cair", podendo serem descobertos e presos. Os períodos de luxo e glamour são alternados por meses e anos em que permanecem reclusos em penitenciárias.

Quando são identificados e passam a ser procurados pela polícia de um determinado estado, praticantes de assaltos tratam de mudar o local de residência. Suas vidas costumam se definir por alternâncias entre a participação em assaltos, estratégias para escapar às punições relativas a esses crimes e temporadas na prisão, condição que sinaliza o esgotamento ou falhas nos seus repertórios de cuidados e artimanhas. As recorrentes mudanças de endereço não raro são complementadas por outro agenciamento: a adoção de codinomes e documentos falsificados. Esses homens costumam assumir várias identidades ao longo de suas vidas, algumas sendo mantidas em simultaneidade. Eles constroem personagens que funcionam como versões de si, encenadas em contextos nos quais seus nomes oficiais não são conhecidos. Quase sempre são "excelentes mentirosos". Inserem-se nessas rotinas e trajetórias, marcadas por mudanças e riscos, experiências de subversão da monogamia pela manutenção de dois ou mais namoros e casamentos simultâneos.

Ao chegar em determinada cidade com a intenção de fixar residência, praticantes de assaltos elaboram minuciosamente suas *fachadas*. Apresentam enredos fictícios para suas histórias de vida. Utilizando ou não nomes falsos, mentem sobre suas procedências e descendências familiares. Na condição de fugitivos da polícia, apresentam versões fictícias sobre suas trajetórias e as profissões que exercem. Quando se certificam de que não há risco imediato de serem identificados, tratam de adquirir bens e construir relações de amizade com moradores da cidade. Compram imóveis, abrem negócios, arrumam namoradas, aproximam-se de pessoas de classe média e alta com perfil similar ao do personagem que estão vivendo. A rigor, os desempenhos de assaltantes de bancos, ao utilizarem nomes falsos e mentirem sobre suas trajetórias e a origem de seus bens, podem ser classificados como cínicos (GOFFMAN, 1980). No entanto, nem tudo do que dizem e fazem diante daqueles com quem convivem nessas ocasiões é mentira ou fingimento. De algumas pessoas se tornam amigos e não são falsos os afetos e reverências que lhes dedicam. Ocorre de namorarem e se casarem sem que suas companheiras conheçam os nomes verdadeiros ou saibam detalhes da vida pregressa do cônjuge; chegam a ter filhos e a assumirem legalmente a paternidade, utilizando documentos falsificados. Em várias situações, atores e personagem se fundem.

É recorrente que esses profissionais do crime, estando fixados em uma determinada cidade, tendo adquirido bens, construído amizades e formado família no lugar, tenham que sair às pressas porque a polícia local ou alguém do seu círculo de conhecidos passou a esboçar suspeitas sobre suas atividades. Nessas circunstâncias, esposas e namoradas são encarregadas de administrar o patrimônio do casal, passando a receber visitas temporárias do marido ou a marcar encontros com ele em outras cidades. Assim, o fugitivo procura um novo lugar para residir e todo o processo (adquirir bens, abrir um negócio, fazer amizades e encontrar uma companheira) é reiniciado. Imóveis e negócios legais em várias cidades – obtidos com o dinheiro que roubam de instituições financeiras – vão se acumulando, como também se acumulam as mulheres e os filhos.

### **O lugar das mulheres**

Considerando que cada codinome costuma corresponder a uma companheira, assim como a bens e investimentos no lugar onde cada uma delas reside, é preciso ressaltar que essa multiplicidade de personagens e a experiência de uma vida conjugal polígama acabam favorecendo a tarefa de ocultar as quantias que roubam das instituições financeiras, investindo-as em negócios legais e regulares. Ademais, dispor de múltiplas unidades familiares e econômicas em diferentes regiões do país constitui uma salvaguarda no cotidiano desses foragidos, uma vez que dispõem de variados esconderijos, entre os quais podem se revezar e, assim, permanecer longe da prisão.

Embora as tarefas mais relevantes de uma operação de assalto sejam desempenhadas por homens, no dia a dia dos praticantes dessa modalidade de crime com quem desenvolvi diálogo, o sexo feminino se afirma como protagonista. Há uma considerável dependência operacional e subjetiva desses homens em relação a suas esposas e namoradas. Dos 41 assaltantes que entrevistei ou conversei informalmente entre 2000 e 2009, 17 são casados oficialmente; 11 deles, embora não tenham firmado matrimônio civil ou eclesiástico, mantêm relações conjugais estáveis com uma ou mais mulheres; oito estavam namorando havia mais de dois anos; e apenas cinco se disseram solteiros. Vivendo rotinas movimentadas e imprevisíveis, praticantes de grandes roubos raramente encerram um namoro ou casamento por causa de novo compromisso amoroso. Os relacionamentos pré-existentes costumam ser conciliados com o que está iniciando. Comentários, narrativas e afirmações que ouvi durante a pesquisa de campo evidenciaram que mulheres são componentes relevantes em seus ideais de masculinidade, sucesso e felicidade. Se a motivação para participar de assaltos é a possibilidade de adquirir bens e viver luxuosamente, entre os atributos de uma vida bem-sucedida e feliz, além de carros e casas requintadas, está a oportunidade de namorar e casar com belas mulheres.

Uma fala de Fernando<sup>2</sup>, assaltante de banco e carros-fortes, expressa a associação entre mulheres bonitas e bens materiais, raciocínio recorrente entre os meus interlocutores de campo:

Fernando: (...) É porque o cara duro, o cara não é bom partido pra ninguém? Mulher nenhuma vai querer nada com ele.

Autora: Então você acha que um homem sem dinheiro não desperta amor em ninguém?

Fernando: Acho que sim. Sim. (...) Mas, veja, eu não estou falando que a mulheres são interesseiras, que só pensam em dinheiro. Não é isso. O problema é que um cara duro não é bom partido para ninguém, não dá nenhuma segurança a garota nenhuma. Se eu fosse uma mulher, eu não iria querer nada com um cara duro. E falo que, assim, por mim o problema não é só se a mulher vai me dar mole ou não. Mas é porque eu, eu Fernando, sem ter dinheiro, eu não me sinto ninguém. E você sabe, não é? Quando você mesmo se acha um lixo, você não vai pensar que alguém pode gostar de você, daí o cara não tem coragem de azarar mulher nenhuma. Ninguém vai se impressionar com a lábia de um cara duro.

Autora: Mas alguns falam que as mulheres gostam de lábia, de uma mentira bem contada.

Fernando: É, mas isso aí é mais folclore. Esse negócio de mulher de malandro, de mulher gostar de cara golpista, é tudo folclore. Na real, só quem se submete a isso aí, desses contos do vigário, são as enalhadas, as feiosas, as velhas, as gordas, porque as mais gatinhas, as “mina sêra”<sup>3</sup>, essas só vão entrar na do cara se ele tiver condição pra bancar. Essa é a real (Entrevista com Fernando, em 01/11/ 2008).

De certo modo, o dinheiro otimiza a autoestima e a masculinidade do meu interlocutor, fazendo-o se sentir “mais homem”, já que passa a se considerar mais atraente aos olhares femininos. Dentre os assaltantes com quem mantive contato direto, todos se declararam heterossexuais. Quando perguntei se tinham conhecimento sobre algum assaltante de banco homossexual, as respostas foram sempre negativas. A forma como significam suas masculinidades está fortemente associada ao poder aquisitivo, entendem que “ser homem”, em larga medida, é ter dinheiro. Ademais, creem ser essa a aspiração das belas mulheres em relação aos seus pares na vida conjugal.

Se a visão predominante é a de que masculinidade se define pela habilidade em ganhar dinheiro, tornando-os “bons partidos” aos olhos de mulheres bonitas, tal qualidade de homem provedor aparece como cumulativa, já que são invejados aqueles que conseguem manter várias mulheres. Em algumas falas, a masculinidade é apresentada como diretamente proporcional à quantidade de esposas e namoradas que um homem consegue manter. Nesse raciocínio, mulheres (bonitas) constituem aspirações que motivam e recompensam o envolvimento com grandes assaltos e os riscos daí advindos. Atributos físicos tais como glúteo proeminente, corpo magro, definido em formato violão – quadris largos e cintura fina –, cabelos longos, principalmente quando são loiros, foram destacados nas falas dos meus interlocutores como requisitos para uma mulher bonita.

Embora não seja tão padronizado como o ideal de beleza física, há também um perfil psicológico que almejam para suas companheiras. O gosto por objetos caros e ostensivos está entre as características que apreciam. “Qualidades” como docilidade, resignação e fidelidade incondicional também aparecem como desejáveis. Apresento, abaixo, o trecho de uma entrevista com Fabrício, assaltante de bancos e empresas de guarda valores. Depois de ter me endereçado uma série de galanteios sem obter uma recíproca satisfatória, meu interlocutor concluiu que esta pesquisadora não seria uma opção amorosa ou conjugal interessante para ele. Ao listar traços do meu comportamento que se afastam do seu ideal de namorada, Fabrício lista as características femininas que o agradam.

Fabrício: No dia que eu te conheci, no aniversário do Eduardo, eu pensei muita coisa boa para você, eu viajei mesmo. Eu pensei de verdade que você era a mulher perfeita pra casar. Você, muito doce, muito calma, parecia muito meiga. Você me agradou em tudo. (...) Mas hoje eu vejo diferente. É porque você não ia servir pra ser minha namorada de jeito nenhum. Você é dessas temperamentais. No começo eu achei você calma, mas depois eu vi que você é agitada, fala muito, fala na lata. Eu gosto de mulher mais comportada. Só pra dar um exemplo, eu nunca ia aceitar minha mulher ficar conversando com vários homens, do jeito que você conversa. E ainda mais com esses caras [*outros assaltantes*].

Autora: Entendi, Fabrício (...). Mas, me fala, você acha que mulheres não devem trabalhar?

Fabrício: Depende do trabalho. Eu não sou daqueles que pensam que mulher não serve pra nada, que não serve para trabalhar; eu não acho isso. Eu acho que as mulheres quando se dedicam podem ser bem melhores do que os homens em qualquer coisa. Mas na minha opinião, uma mulher só deve trabalhar quando não tem um marido ou quando o marido dela não é homem o suficiente para sustentar ela. No meu ramo, você sabe, a gente bota a vida em jogo para ganhar muito dinheiro, mas isso a gente faz exatamente pra mulher nossa não precisar trabalhar. Quando uma mulher tem um marido que se preza, a função dela é somente ficar linda o tempo todo. Tem que viver para encher os olhos do marido. Porque isso é o que dá sentido pro cara se aventurar, é isso que faz o cara fazer qualquer coisa para chegar em casa com os bolsos cheios de dinheiro.

Autora: Deixa eu entender o que você está falando. Você acha que suas namoradas e a mulher com quem você um dia vai se casar, tudo o que ela deve fazer na vida é ficar linda para você. Ela não deve ter outras metas e objetivos que sejam só dela?

Fabrício: Na verdade, eu nunca vou permitir que mulher minha vá arrumar a casa, lavar os pratos, nem fazer coisas cansativas. Pelo contrário, mulher minha tem vida de princesa. Minha ex-mulher tinha três empregadas. Eu só vou querer é que ela me respeite, que coloque nosso casamento em primeiro lugar. Que ela saiba educar nossos filhos e que seja mão firme com eles. Mas antes de qualquer coisa, eu só levo pro altar se eu sentir que ela me ama de olhos fechados e que ela confia em mim acima de tudo, que acontecendo o que acontecer, ela não vai me julgar pelo que os outros falam (Entrevista com Fabrício, realizada em 07/04/2007).

Mulheres temperamentais, que falam muito e conversam com vários homens não despertam o interesse de Fabrício. Por outro lado, meu interlocutor entende que a mulher perfeita para casar deve ser calma, meiga, doce, comportada, deve confiar nele acima de tudo, nunca o julgar e deve amá-lo "de olhos fechados". A capacidade de fazer renúncias e de suportar momentos difíceis ao lado do marido foram atributos mencionados por vários entrevistados como pré-requisitos para uma esposa. De acordo com os sujeitos da pesquisa, mulheres de assaltantes devem estar preparadas para as incertezas concernentes às rotinas de seus maridos. Destas, espera-se entusiasmo nos momentos de sucesso e abundância e, ao mesmo tempo, equilíbrio emocional, capacidade de superar constrangimentos e vergonha, nas situações em que seus cônjuges são presos e, eventualmente, veem confiscados seus bens e propriedades.

Conforme tenho mencionado, é recorrente que esposas e namoradas administrem o patrimônio dos companheiros quando eles estão na prisão. São as mulheres que, na ausência física do pai, assumem a educação dos filhos, impõem proibições e deveres. De acordo com algumas companheiras de praticantes de assaltos que entrevistei, uma tarefa difícil e necessária é justificar e positivar moralmente diante dos filhos as atividades ilegais desenvolvidas por seu genitor. Uma retórica das quais estas mães costumam se valer é a ênfase na qualidade de provedor do companheiro. Vejamos a fala de Samara:

– Uma vez o pai dele foi julgado por um assalto na Bahia. Toda vez que eu me lembro disso me dá tristeza. O Juninho tinha nove anos. Uma tarde ele me chamou pra ficar com ele perto do computador. Ele queria me mostrar na internet uma reportagem do *Diário do Nordeste* que acabava com o pai dele. O jornal dizia que o João era um criminoso de alta periculosidade. Meu filho tava muito decepcionado. Ele me dizia: "mamãe, é verdade? Aqui está dizendo que papai roubou. Não adianta a senhora me dizer que ele não fez, porque eu sei que ele fez". Se desse, eu tinha negado para meu filho não sofrer, mas não dava. Aí eu disse, "meu filho, a gente não pode pensar nisso não; ele pode ter feito isso, meu filho, mas ele fez porque ele quer dar uma vida digna para você, pra nossa família. Ele não quer que falte nada para vocês. Seu pai é um ótimo pai, ele se preocupa muito com o futuro de vocês. Tudo de errado que ele faz é pensando na gente" (Entrevista com Samara, realizada em 08/01/2007).

Diante do filho, Samara absolve moralmente o marido pelos roubos que já realizou, dando ênfase à preocupação do companheiro em "não deixar faltar nada para a família". Esse argumento é recorrente entre as mulheres de praticantes de assaltos não só diante de filhos. Ele é acionado quando falam sobre esposos e maridos para pessoas dos seus círculos de amizade e, até mesmo, quando são convocadas por delegados de polícia a prestar depoimento.

Se, por intermédio de suas companheiras, praticantes de assaltos se afirmam diante dos filhos como bons no papel de pai a partir da ênfase no desenvolvimento da função de provedor, por essa mesma capacidade (de prover) meus interlocutores se diziam “bons filhos”. Fala Emiliano:

– O único desgosto que eu dou para os meus pais é de ser ladrão. No resto, eu me dou muito bem com eles; adoro meu pai e minha mãe (...). A casa que eles moravam era muito pequena, mal cabia eles. Eu fiz questão de aumentar, comprei dois terrenos pra aumentar, fiz varanda, área de serviço. Hoje lá é um sobrado bem grande, tem um quintal grande, garagem pra quatro carro, é uma casa ótima; deve tá valendo uns R\$ 400 mil (...). Eu nunca ia me sentir bem de estar vivendo bem e ver meus pais passando necessidade. (...) Se eu souber que eles gostaram de alguma coisa, se tão querendo aquilo eu já dou de presente imediatamente (Entrevista com Emiliano, realizada em 05/05/2003).

A característica de “filho que não deixa faltar nada aos pais”, apresentada por Emiliano como uma de suas qualidades, costuma ser confirmada pelos genitores de praticantes de assaltos. Trechos de uma conversa que realizei com Haída, uma dona de casa de 58 anos, mãe de David, recluso em um instituto penal do estado do Ceará após ter sido preso em flagrante pela participação em um assalto contra um carro-forte, são ilustrativos:

Haída: Eu não tive como empatar que isso acontecesse; foi de uma hora para outra. (...) Ele começou com umas amizades erradas: era uns colegas do meu vizinho. Ele começou uns passeios com eles, dormia fora de casa, foi aparecendo em casa com carro. Aí depois foi morar em Pernambuco, e de uma hora pra outra apareceu rico. (...) Tava perto de fazer quatro anos que ele tinha saído da minha casa, chegou a notícia dele preso.

Autora: Dona Haída, como é o relacionamento da senhora com ele? Vocês se dão bem?

Haída: Muito, ele é um chamego medonho comigo, me abraça e me beija, tem a maior alegria quando me vê.

Autora: E ele costumava dar presentes à senhora?

Haída: Dava, e ainda dá. (...) Mesmo preso, ele paga meu plano de saúde, ele que comprou o apartamento que eu moro com a irmã dele, sempre dá dinheiro a ela pra comprar o que eu estou precisando.

Autora: A senhora ficou triste quando ele foi preso?

Haída: Muito, a decepção foi grande demais, minha filha, para gente que é mãe é muito sofrimento. Eu fiquei com muita raiva do David. (...) Foi muita vergonha pra mim, saber dele roubando. Eu jurava que ele trabalhava numa empresa séria, mas ele tava fazendo coisa perigosa. Mulher, ele me ligava quase toda semana e nunca me disse nada.

Autora: Mas a senhora nunca rompeu com ele, não é? Nunca ficou sem falar com ele?

Haída: Nunca, minha filha. Nem se meu filho fosse o pior assassino eu me intrigava com ele. Meu filho tá aqui, mas meu filho não é assassino não, ele nunca matou ninguém. O David se desencaminhou porque teve influência ruim com ele. (...) Ele tem um coração muito bom, ajuda todo mundo. E você precisa conhecer ele; ele é um rapaz charmoso, namorador, cativa todo mundo, é um amor de pessoa. (...) Ele sempre foi daqueles de telefonar só para saber como eu estou de saúde, de mandar eu ir no médico pra ver minha saúde. Até hoje, ele só me chama de mamãezinha (Entrevista com Haída, realizada em 09/06/ 2007).



Um dado que me chamou a atenção a respeito dos praticantes de assaltos com quem desenvolvi diálogo é a forma positiva como se percebem e são percebidos por familiares e amigos. Embora, em nossas conversas, não tenham incorrido na defesa moral da atividade ilegal e violenta que empreendem, em sua maior parte demonstraram que se consideram bem-sucedidos. Além de se afirmarem bons nos papéis sociais de filho, pai e marido, costumavam mencionar a grande quantidade de amigos que conseguem manter. Proximidades e vínculos com políticos, empresários, artistas e demais personagens com “boa reputação” na cena pública também foram assinalados em suas falas.

Em larga medida, os argumentos e informações mencionados em conversas informais e entrevistas, provavelmente visando amenizar a gravidade moral associada a suas práticas ilegais, são reverberados nas falas de suas esposas, namoradas, mães, parentes e amigos. Durante o desenvolvimento da pesquisa, diversas vezes fui surpreendida pelos comportamentos amistosos e menções elogiosas de outras pessoas em relação aos meus interlocutores praticantes de assaltos. A aceitação entre seus familiares e amigos, mesmo quando a condição de assaltante é de conhecimento público, chegou a me chocar. Se praticantes de outras modalidades de atos ilegais mais rudimentares, cujos ganhos materiais são mais modestos, costumam ser estigmatizados e hostilizados ou considerados pessoas fracassadas por seus parentes e conhecidos, os sujeitos desta pesquisa, em sua maior parte, são aceitos entre familiares e não se veem nem são vistos como pessoas que “não deram certo” na vida. Identifiquei em todos os entrevistados rotinas de encontros sociais movimentadas. Na condição de anfitriões ou convidados, participavam com recorrência de festas, churrascos, jantares, cerimônias de casamentos, colação de grau, entre outros eventos e cerimônias. Tive evidências de que são queridos e respeitados por suas famílias e mantêm amplos círculos de amigos.

### **Auricélio, ‘o magnata’**

Auricélio Miranda nasceu em 1975, na zona rural do estado de Alagoas. Filho de um casal de agricultores, é o terceiro de cinco descendentes, sendo três homens e duas mulheres. Aos 17 anos, terminou o ginásio em uma escola pública do pequeno município. Iniciou-se nas atividades criminais, no início dos anos de 1990, furtando bovinos dos rebanhos de pequenos proprietários de terras, vizinhos dos seus pais. A prática contínua dessa contravenção fez com que meu interlocutor fosse indiciado e procurado pela polícia de sua cidade natal. Em 1994, na condição de fugitivo, viajou para o interior de Pernambuco, onde arrumou trabalho como segurança particular de um fazendeiro. No interior da região Nordeste do Brasil, não raro, essa ocupação envolve eventuais assassinatos a mando do patrão, figurando uma espécie de disfarce para que grandes proprietários rurais mantenham pistoleiros.

Em 1997, depois de matar um comerciante que se recusava a saldar uma dívida com seu patrão, o alagoano viaja para o Rio Grande do Norte decidido a permanecer alguns meses na propriedade de um parente. Nas primeiras semanas após sua chegada, Auricélio se torna amigo de João Assis, articulador de roubos contra bancos, nas regiões Nordeste, Norte e Sul do país, considerado pela polícia potiguar o maior assaltante do estado. Por intermédio de João Assis, Auricélio ingressa na prática de assaltos. Depois de participar de ações contra bancos do Rio Grande do Norte e do Ceará, ele viaja para a região Sul, por ocasião de um assalto contra uma empresa de guarda-valores, e decide morar lá por tempo indeterminado. Considerando ser mais seguro permanecer em cidades onde ainda não era conhecido da polícia, passou alguns anos no estado do Paraná, indo algumas vezes ao Nordeste, encontrar seus pais ou atender a chamados de João Assis, que requisitava sua participação em “negócios” na região.

No período em que esteve no Sul do país, viveu em vários municípios. Quando o retrato falado de seu rosto era divulgado pela polícia daquele lugar, Auricélio ia morar em outra cidade e alterava a aparência: deixava a barba crescer, pintava o cabelo, usava sempre boné e óculos de lentes escuras. Entre 1998 e 2002, sua vida foi marcada por idas e vindas, mudanças corriqueiras de endereço e aparência física. Também participou de muitos assaltos e se tornou respeitado entre seus pares. Foram intensas as emoções e os riscos, acumulou altas somas em dinheiro e se tornou “um magnata”, como gosta de afirmar. Considerando-se um homem rico, decidiu fixar residência na região Norte do Brasil, adquiriu uma fazenda com mais de mil hectares, em um município do estado do Amazonas e abriu farmácias em três cidades próximas a sua propriedade. Nessa nova etapa de sua vida, apresentava-se como Célio Miranda, filho de latifundiários do estado do Alagoas que, em busca de terras mais férteis para criação bovina, decidiu residir no Amazonas.

Um conjunto de situações experimentadas por Auricélio e as relações de longa duração que desenvolveu por meio de nomes fictícios e informações inverídicas sobre seu passado encontram eco no conceito de “face”, elaborado por Goffman (1980) para analisar performances sociais desenvolvidas em um *continuum*, no qual um dado desempenho do presente é influenciado pelo passado e condensa expectativas para interações futuras. De acordo com o autor, a face é uma espécie de “imagem situada do self”, construída a partir de atributos sociais aprovados. É como se fosse o valor social positivo que um agente social reivindica para si, com base no que os outros entendem que seja a sua “linha” na interação face a face. Nessa perspectiva, uma pessoa “tem”, “está em”, ou “mantém” uma face quando sua linha, na situação interativa, corresponde a uma imagem de si internamente consistente. Alguém que no presente consegue manter a face, certamente em seu passado tratou de se abster de atos ou posicionamentos que mais tarde teria dificuldade de enfrentar.<sup>4</sup> Cada face está associada a uma linha, entendida como “padrão de atos verbais e não verbais” por meio do qual os agentes constroem suas visões das situações que observam ou estão inseridos. Com isso, têm condições de avaliar os outros participantes e traçar planos sobre suas próprias posições. Ao se elaborar uma face, é preciso, portanto, adotar uma linha capaz de sustentá-la.

Sobre o personagem utilizado por Auricélio na região Norte do Brasil, por alguns anos meu interlocutor foi exitoso na manutenção de sua face. Seus relatos e narrativas demonstram que, no referido período, ele esteve mais vezes em face do que fora de face. Célio Miranda, embora fosse um nome falso e estivesse associado a uma versão fictícia do seu passado, era Auricélio que vivenciava aquele cotidiano a maior parte do tempo. As características do personagem e as histórias que meu interlocutor utilizou para adorná-lo são reveladoras do que o próprio Auricélio considera desejável ou de como gostaria de ter nascido e vivido. Ele experimentava uma posição ambígua entre si mesmo e Célio. O papel que desempenhava estava intimamente ligado à sua autoimagem idealizada e às origens sociais que gostaria de ter. Se no âmbito dos encontros presenciais as faces que os “atores” assumem também são desenhadas pelas expectativas das pessoas com quem interagem, definidas por Goffman como plateia, essas os levam a reforçar, dar continuidade e avaliar positivamente seus desempenhos. Vejamos trechos da fala de Auricélio.

– Eu acertei em cheio; eu cheguei contando uma estória bonita e todo mundo acreditou que eu era rico. Acharam que eu era de família rica mesmo. (...) Todo mundo queria ser meu amigo; todo mundo me convidava para os eventos de lá. E eu ficava pensando: se eu tivesse chegado sem dinheiro, procurando emprego, muita gente ia fazer cara feia, ninguém ia me dar atenção. Mas aí, eu comprei uma fazenda enorme, montei uma rede de farmácia. Aí todo mundo fazia festa comigo. Tudo mundo me tratava bem. Todo mundo me queria por perto. Eu era tratado como um magnata; era amigo do prefeito. Eu me relacionava com as melhores famílias. Qualquer moça da cidade que eu tivesse interesse em namorar, a família ia aceitar, porque ninguém sabia o que eu fazia por fora (Entrevista com Auricélio, realizada em 19/12/2007).

De modo amplo, a busca recorrente dos meus interlocutores de se apresentarem como se fossem ricos envolve também anseio por aceitação, desejo de serem tratados com simpatia por aqueles com quem estabelecem interação. Essa aspiração está associada à crença de que pessoas ricas são bem tratadas onde quer que cheguem.

Quando se mudou de Pernambuco para o Rio Grande do Norte, Auricélio permaneceu com seu nome de batismo. Mas, no período que viveu na Região Sul, usava o pseudônimo de Élcio Benevides. Célio Miranda, o personagem que vivenciou no Amazonas, parece ter sido seu desempenho mais longo, abrangendo o período entre 2000 e 2003. No mesmo ano em que chegou ao estado, o assaltante alagoano se casou com Fabiana, filha de um rico proprietário rural e político conhecido na região. Nas festas e cerimônias da cidadezinha, segundo ele, sempre teve um lugar, junto com a esposa e os sogros, na mesa do prefeito. Por três anos, conseguiu ocultar suas atividades ilegais de todos.

Evidencia-se, em múltiplos aspectos de sua trajetória de impostor, a indefinição inerente aos *performers* nos instantes dos desempenhos. Ele oscila entre a identidade legal de Auricélio Miranda – pistoleiro, assaltante e fugitivo da polícia – e os personagens que veio encarnar, sempre se representando ou sendo definido como rico. Aqui, torna-se eloquente uma característica recorrente entre os chamados assaltantes de bancos: a condição *liminar* de suas trajetórias.

Tal como definida por Turner (1974), a liminaridade pode ser pensada como antiestrutura, já que se caracteriza pela suspensão da estrutura vigente e a indefinição entre posições. Produz-se uma espécie de espelho mágico em relação ao cotidiano, já que lhe retira a temporalidade indicativa do presente, passado ou futuro, refletindo-o a partir da subjuntividade do *como se*. A vida do Auricélio em larga medida exemplifica a condição liminar e serve para alargar essa categoria que, na análise de Turner, é mobilizada para pensar estágios transitórios e eventos pontuais. O cotidiano dos meus interlocutores, por sua vez, está situado entre vários universos e papéis, lugares sempre “perigosos” e instáveis. Verifica-se a transitoriedade entre o que se convencionou conceber domínio do legal e do ilegal, a oscilação entre posições associadas ao sucesso até condições tidas como fracasso. São cotidianos e rotinas liminares.

No período em que se estabeleceu no estado do Amazonas, apesar do casamento de Célio Miranda com Fabiana, Auricélio manteve um namoro que havia começado em 1997 com Suzana, uma moça do interior do Rio Grande do Norte. Ela possuía uma loja de roupas no mesmo município, onde ele - ainda Auricélio, foragido da polícia pernambucana – foi se abrigar na casa de parentes. Nos dois anos em que esteve residindo na região Sul, onde viveu como Élcio Benevides, sempre que vinha ao Nordeste visitava Suzana ou combinava de encontrá-la em outros estados. Depois que se estabeleceu em Manaus, passou a vê-la com menor frequência, mas ele assegura que nunca passaram mais do que um mês sem se encontrarem. Nos anos de 2000 e 2001, Auricélio adquire imóveis no interior e na capital do Rio Grande do Norte, monta uma revendedora de veículos seminovos, que foi registrada no nome dela. Embora soubesse que seu namorado havia sido matador profissional e que seus bens resultavam de assaltos contra bancos e empresas de guarda-valores, Suzana não sabia da existência de Fabiana, nem de outras namoradas que ele teve depois que a conheceu.

Além de Suzana e Fabiana, Auricélio teve relações amorosas com Eveline Sabóia, uma viúva de 37 anos, mãe de dois filhos adolescentes, advogada e comerciante de material de construção. Segundo meu interlocutor, Eveline é uma mulher inteligente e “conservada fisicamente para a idade que tem”. Os dois se conheceram por intermédio de João Assis, que passou a residir em uma das cidades da Região Metropolitana de Salvador em 2003. Antes de mudar para o estado da Bahia, em 2001, João contratou Eveline para regularizar a compra de

um posto de gasolina que ele pretendia dar de presente a uma de suas filhas. Nessa mesma cidade, Auricélio, na condição de Leudo Farias, havia comprado duas farmácias e alguns imóveis comerciais. O namoro começou algumas semanas depois que se conheceram, em um almoço oferecido por João. Segundo o alagoano, Eveline, desde o início do relacionamento, estava ciente de suas contínuas participações em assaltos e do seu casamento com Fabiana. Somente o namoro com Suzana permaneceu desconhecido da advogada.

Fabiana, sua família e demais pessoas do município onde ele viveu no Amazonas somente souberam que o “fazendeiro” era um assaltante por ocasião de sua prisão em 2002. Embora a descoberta tenha escandalizado a cidade, causado descontentamento em seu sogro e outros políticos e empresários com quem Auricélio se relacionava, Fabiana não quis se separar do marido e passou a se deslocar todos os meses de sua casa, na região Norte, até a cidade onde ele cumpria pena. Até hoje, ela não sabe da existência de Suzana ou de Eveline. Esta última, a advogada que reside na Bahia, também ia visitá-lo uma vez por mês na prisão. Das três mulheres, somente Suzana estava ciente de que havia outras duas. Depois que foi preso, Auricélio montou uma casa e pediu que ela fosse morar próximo à penitenciária onde estava recluso. Eles se encontravam todas as quartas-feiras e domingos, exceto nos dias das visitas de Fabiana e Eveline. Quando soube que Auricélio era casado e namorava Eveline, Suzana quis abandoná-lo, mas ele prometeu que, quando saísse da prisão, arrumaria um meio de se separar das outras duas e se casaria com ela.

Nas entrevistas que me concedeu, Auricélio confessou que, mesmo gostando mais de Suzana, não pretendia se separar das outras, pois, se o fizesse, teria sérios prejuízos. Seus bens do estado do Amazonas estavam todos registrados em nome de Fabiana. E os imóveis e farmácias da Bahia, embora um de seus irmãos fosse oficialmente proprietário de alguns, a maior parte, legalmente, pertencia à Eveline e eram administrados por ela.

Fora da prisão, as tramas da vida amorosa de Auricélio ganharam mais uma protagonista: Larissa. No início de 2008, ele foi beneficiado com o livramento condicional, passando a cumprir sua pena fora da penitenciária. Depois de três meses em liberdade, meu interlocutor obteve permissão judicial para se ausentar por algumas semanas da cidade onde cumpria pena. Em Belo Horizonte, foi apresentado a uma moça de 25 anos que trabalhava para um amigo dele em uma loja de veículos usados. Auricélio afirma que se apaixonou desde o momento que a viu. Durante sua estadia de uma semana na cidade, os dois iniciaram um namoro. Em poucos dias, ele comprou a loja de veículos do amigo e encarregou Larissa de gerenciá-la. Desde então, meu informante tem viajado regularmente à capital mineira para vê-la.

A prisão aconteceu em agosto de 2003. Na ocasião, o assaltante alagoano estava a passeio com Suzana em São Luís, quando foi surpreendido por uma equipe policial do estado do Maranhão, de quem recebeu voz de prisão. Esse acontecimento transformou seu cotidiano, não somente por obrigá-lo a cumprir pena por uma parte dos crimes cometidos e por ter identificado e confiscado parte do seu patrimônio, mas também porque interferiu súbita e violentamente sobre a “face” de Célio Miranda, cuidadosamente mantida por três anos. A ampla cobertura da prisão pela imprensa policial colocou em evidência a identidade oficial de Auricélio Miranda, tido pela polícia de vários estados como bandido de alta periculosidade.

Quando tomou conhecimento de que o genro era um impostor e praticante de roubos, o pai de Fabiana rompeu relações com ele e pressionou a filha a anular o casamento. Auricélio afirma ter sentido vergonha e vontade de chorar ao tomar consciência de que todas as pessoas com que teve aproximação amistosa ou desenvolveu negócios nos estados do Amazonas, Rio Grande do Norte e Bahia poderiam estar cientes de sua condição de criminoso. Ele estava “fora de face”. Quando surge uma informação ou acontece algo que não pode ser integrado na “linha” que o agente vem sustentando, de acordo com Goffman (1980), ele está na face errada ou fora de face. Para o autor, a reação geralmente identificada com esse tipo de situação é a vergonha, o agente passa a se situar em *shamefaces*, um estado de perplexidade e embaraço causado pela quebra em sua linha.

Além do sofrimento de ver suas fachadas ruírem, Auricélio temeu que cada uma de suas mulheres soubesse que havia outras e decidissem abandoná-lo. Diante desse perigo, ele apostou em Suzana: chamou-a à prisão, confessou-lhe que havia se casado com Fabiana há três anos e que se relacionava também com Eveline. Garantindo à moça que ela era sua preferida, pediu-lhe para vir morar nas proximidades do presídio que ele estava cumprindo pena, assim poderia permanecer mais tempo com ela do que com as outras duas. Depois de querer abandonar Auricélio e de ter passado um mês sem ir vê-lo, Suzana aceita mudar de cidade para estar mais tempo com o namorado e lhe dar assistência no período em que estivesse recluso. Nesta situação, Auricélio fez uso do seu *aplomb*, expressão definida por Goffman (Idem) como repertório de habilidades que determinados agentes possuem para contornar incidentes capazes de ameaçarem suas faces. Mesmo não sendo mais possível salvar suas reputações, o assaltante alagoano, mobilizou o *aplomb* e conseguiu evitar rompimentos em suas relações amorosas.

De acordo com Goffman, a consciência de ser percebido pelos outros em um estado de confusão pode acrescentar maiores danos aos sentimentos dos agentes e aumentar a desordem na organização expressiva da situação. O *aplomb*, da mesma maneira que pode ser utilizado por quem tenta “salvar a face”, também serve para suprimir o ímpeto dos agentes a ficarem envergonhados, evitando que os outros percebam sua ausência de face. Auricélio, dotado de um admirável repertório de mecanismos

expressivos, que tem lhe possibilitado a superação de situações embaraçosas e perigosas, durante a permanência na prisão, parece ter conseguido esconder seu constrangimento de outras pessoas. No interior do presídio, ele teve encontros regulares com suas companheiras, recebeu visitas dos seus advogados, familiares e amigos, tanto os que foram cultivados por Auricélio como alguns que o conheceram se fazendo passar por Célio, Élcio e Leudo, dentre outros personagens.

### **João Marcos, filho, irmão e pai**

João Marcos Bettoni nasceu em 1978, filho único, em uma família de classe média residente em Vitória. Seus pais eram comerciantes, proprietários de alguns imóveis na cidade e de uma grande loja de tecidos. Com 6 anos de idade, João Marcos os perdeu em um acidente de carro. Juarez, um tio paterno, encarregou-se de cuidar do menino e gerir sua herança. Depois de três anos de conflituosa convivência com a família do tio, João Marcos foi morar com Helena, sua avó materna, em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo.

Quando completou 21 anos, meu interlocutor foi à Vitória no intuito de assumir os bens que seus pais lhes deixaram. Ao chegar à cidade, foi informado pelo tio de que a loja tinha sido fechada porque já não era um negócio lucrativo e que os imóveis, também deixados pelos pais de João Marcos, tinham sido vendidos para saldar dívidas contraídas em tentativas de fazer a loja voltar a dar lucros. Transtornado com o que ouviu e sem acreditar nas justificativas apresentadas pelo parente, João Marcos, depois de agredi-lo com socos e empurrões, garantiu ao tio que só não ia matá-lo naquela tarde porque não tinha uma arma, mas voltaria para fazê-lo.

A notícia de que nada restara dos bens deixados por seus pais deixou o meu interlocutor confuso e sem motivação para pensar no futuro por alguns meses. Segundo ele, passou a infância e a adolescência se sentindo seguro sobre a ocupação e a renda que teria quando fosse adulto, tinha certeza de que quando se tornasse maior de idade iria tomar posse de sua herança. Presenciando a tristeza do neto, dona Helena decidiu ajudá-lo: ofereceu-lhe um dinheiro que havia 20 anos guardava em uma poupança. Ela queria que João Marcos se tornasse um comerciante, como tinham sido os pais dele. Ele aceitou o empréstimo, mas garantiu à avó que não se tratava de uma doação; iria ressarcir-la em cada centavo.

Com o dinheiro que recebeu de dona Helena, montou uma loja de produtos variados: papelaria, roupas, perfumes e cosméticos. O negócio cresceu rápido. João Marcos passou a vender também artigos de luxo, calçados e equipamentos esportivos, de marcas nacionais e importadas. Antes de completar dois anos de sua abertura, o comércio, que funcionava em um bairro

residencial na garagem da casa da avó, mudou para uma sala comercial ampla, localizada em uma movimentada avenida do centro de Ribeirão Preto. No mesmo ano, ele se casou com Livia, uma moça que também era órfã e morava com a tia em uma rua próxima da casa de dona Helena. Os dois se conheceram na escola, quando faziam o ensino médio e namoraram seis anos antes das bodas. Livia tinha feito um curso técnico de enfermagem e trabalhava em uma clínica de estética. Poucos meses depois de casada, ela engravidou de gêmeos. A avó de João Marcos ficou muito feliz com a casamento do neto e com a chegada dos bebês. Segundo meu interlocutor, no período em que seus filhos nasceram, ele se sentia vitorioso, pois tinha formado uma família. Sua avó se mostrava sadia e animada, as vendas na loja aumentavam e ele tinha planos de abrir filiais em outras cidades. A essa altura da vida, João Marcos não pretendia mais ir à Vitória matar o tio.

Algumas artimanhas e transações ilegais nas quais ele vinha incorrendo contribuíram fortemente para o rápido crescimento do seu negócio. Dois meses depois que a loja foi aberta, João Marcos foi procurado por um homem chamado Henrique, que lhe oferecia várias modalidades de mercadoria com preços abaixo do valor de mercado. Tratava-se de produtos oriundos de roubo de cargas nas rodovias próximas do município de Ribeirão Preto. Henrique e mais quatro homens interceptavam caminhões que transportavam calçados, roupas, cigarro e gêneros alimentícios. Vendo nessa negociação uma possibilidade de ganho rápido, João Marcos se tornou receptor de mercadorias roubadas. Não demorou para que Henrique o convidasse a participar diretamente dos assaltos. João Marcos hesitou, mas foi convencido de que as possibilidades de ser preso eram mínimas. Então, com o objetivo de juntar o dinheiro para abrir filiais da sua loja, meu interlocutor ingressa no universo dos roubos de carga.

Por não ter experiência no manuseio de armas, João Marcos nunca assumia a tarefa de parar os caminhões e efetuar os assaltos. Ele preferia dirigir o carro que levava a quadrilha até o local da ação armada ou transportar a mercadoria do local onde o assalto foi efetivado até os comerciantes que as recebiam. Depois que ele passou a fazer assaltos junto com Henrique e mais três homens, a atuação da quadrilha se expandiu para rodovias federais que ligam a região Sul à região Sudeste do país.

O alvo do bando eram caminhões com carregamentos provenientes de fábricas localizadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ou mercadorias importadas que partiam de Cidade do Leste, no Paraguai, com destino a outras regiões do país. Meu interlocutor obtinha informações sobre a data e horário da saída de caminhões, o destino e o percurso do veículo, o conteúdo da carga e a quantidade de pessoas que acompanhavam o motorista. Sua rede de informantes envolvia funcionários de fábricas e de transportadoras, policiais rodoviários e frentistas de postos de gasolina. Assim, quando os colegas de João Marcos interceptavam um determinado caminhão, dispunham de um conjunto de informações sobre o veículo, a carga e o



condutor. As ações armadas costumavam se realizar a partir da seguinte sucessão de etapas: homens com armamento ostensivo paravam o caminhão em determinado um trecho da rodovia; o motorista era rendido e amarrado com cordas; o caminhão era levado até um local afastado da autopista, onde havia outros veículos à espera do carregamento; as mercadorias do caminhão eram transferidas para os outros veículos da quadrilha e levadas para municípios do interior de São Paulo e de Santa Catarina, onde João Marcos havia conseguido fregueses para recepção de parte dos carregamentos roubados.

Atuando nessa modalidade de crime, meu interlocutor acumulou altas quantias. Além de vender com facilidade as cargas que sua quadrilha tomava de assalto, ele supria sua loja com mercadorias sem ter nenhum custo para adquiri-las. Em pouco tempo, João Marcos conseguiu juntar dinheiro e restituir à dona Helena a quantia que lhe fora emprestada para abrir a loja. No período que atuava no roubo de cargas, ele se ausentava de Ribeirão Preto pelo menos duas vezes a cada mês, dizia à esposa e à avó que viajava para visitar fábricas e comprar mercadoria por menores preço no Paraná.

Nas cidades do sul do país, onde transitava para organizar assaltos e vender mercadoria roubada, João Marcos Bettoni se apresentava como Marcos Bessa, tendo chegado a emitir recibos e notas com o nome fictício. Além de documentos falsificados, ele confeccionou cartões de apresentação pessoal e de uma suposta loja de atacados, da qual se dizia sócio e representante. Com essa fachada, ele se apresentava aos comerciantes do interior de Santa Catarina, para quem vendia uma parte dos carregamentos dos veículos que interceptava nas rodovias. Assim como outros assaltantes em suas elaborações de fachadas e faces, meu interlocutor intercalava informações verdadeiras e falsas.

Ele não mentia ao anunciar que trabalhava no ramo do comércio, mas a loja da qual ele se dizia sócio não era a sua. Assim, meu interlocutor não era veraz ao dizer que os produtos que vendia provinham de sua loja. Omitia que participava de assaltos. Utilizando-se de um conjunto de mentiras que conseguia intercalar com verdades, ele arrumava fregueses para as cargas que sua quadrilha roubava. Utilizar nos documentos falsificados um dos nomes que constam nos seus documentos verdadeiros é uma sagacidade que se verifica em vários dos meus interlocutores. Se algum conhecido de Ribeirão Preto o encontrasse nas cidades do Sul do país onde João Marcos se apresentava como Marcos Bessa, não soaria suspeito ele ser chamado apenas de Marcos ao invés de João Marcos. Sobre as artimanhas em relação a utilização de nomes falso, vejamos a fala de Fabrício, interlocutor da pesquisa, praticante de assaltos, já mencionado neste artigo, sobre o tema.

– Tem que ser cuidadoso com essa coisa dos nomes, porque senão você se perde (...). Se numa cidade eu falei que meu nome era Cláudio, mas na outra que fica perto eu preciso usar um documento com um nome de Fernando. Se eu pensar melhor, eu vou me apresentar como Dinho, que serve tanto para Fernandinho como para Claudinho. Se alguém vir alguém conversando comigo e vier perguntar: “Pô, cara, você me falou seu nome era Cláudio e ali eu vi o cara te chamar de Dinho”. Aí eu falo: “Meu, não tem nada pegando não cara. Ele me chama de Dinho pra abreviar Claudinho. Um apelido que emplaca bem também é Dudu. Porque você pode usar muitos nomes com ele: dá pra usar com Eduardo, Durval, Fernando também, porque termina com “do”. (...) Dá pra usar também o sobrenome Duarte (...). O cara tem que saber fazer essas ligações, porque senão ele pode se enrolar nas histórias dele e se contradizer em tudo (Entrevista com Fabrício, realizada em 13/02/ 2007).

João Marcos partilha da opinião de Fabrício sobre a importância de escolher codinomes e apelidos com semelhanças fonéticas. Posteriormente, quando se tornou assaltante bancos, ele mandou confeccionar documentos falsos com os nomes de Roberto Martins e Norberto Dias. Para evitar entrar em contradições em um eventual encontro de uma pessoa que o conheceu como Roberto com alguém a quem se apresentou como Norberto, adotou a abreviação Beto.

Ainda em suas viagens pelo Sul do país com o objetivo de organizar assaltos e vender mercadoria roubadas, uma tarde, em uma loja de conveniência de um posto de gasolina no interior de Santa Catarina, meu interlocutor, que se apresentava como Marcos Bessa, foi surpreendido por uma mulher que o chamava por João Marcos. Era Rochelle, filha de uma tia paterna do entrevistado, sua prima. Havia muitos anos ele não a via e se surpreendeu por Rochelle ter ficado tão bonita. Casada com um oficial do Exército Brasileiro, ela tinha vindo morar com o marido em Joinville, cidade do interior de Santa Catarina. Todos os dias Rochelle se deslocava para uma cidade vizinha, onde cursava a graduação em jornalismo e neste trajeto ela encontrou João Marcos. A prima ofereceu a casa dela para ele se hospedar, caso fosse necessário, e se prontificou a ajudá-lo com os negócios que estivesse fazendo na região. Em poucas semanas, os dois se tornaram amantes. Rochelle era uma mulher muito esperta e não demorou a concluir que ele estava envolvido em atividades criminais, mas manteve o segredo e o ajudou, inclusive, obtendo informações que possibilitaram a realização de vários assaltos.

Em agosto de 2009, João Marcos foi preso em Londrina, no Paraná. Na ocasião, ele estava em um Mitsubishi modelo L-200 carregado com perfumes Chanel e Lacoste. A mercadoria foi identificada como parte de uma carga que tinha sido roubada, uma semana antes da prisão, nas proximidades de Foz do Iguaçu. Na ocasião, João Marcos não achou adequado utilizar documentos falsificados com o nome de Ricardo Bessa, e se apresentou com seu nome verdadeiro, disse que era um comerciante do estado de São Paulo e tinha vindo comprar a mercadoria

apreendida de um fornecedor em Londrina. Embora suspeitasse de sua participação nos roubos de carga que estavam ocorrendo na região, o delegado da Polícia Civil que o prendeu não conseguiu provar seu envolvimento em crimes contra o patrimônio, e o enquadrou como receptador de mercadoria roubada. O advogado de João Marcos alegou que seu cliente não tinha conhecimento da procedência da mercadoria e arrumou algumas testemunhas que afirmaram a idoneidade de João Marcos perante o delegado.

Embora tenha conseguido ser solto sem ir a julgamento e continuar sem uma ficha criminal, meu interlocutor permaneceu recluso na delegacia de Joinville por duas semanas. Esse período foi suficiente para ele conhecer e se aproximar de três homens que aguardavam julgamento por terem participado de um assalto contra uma agência bancária em um município próximo à Londrina. Os dias que ficou preso naquela delegacia e o convívio com praticantes de assaltos contra instituições financeiras o levaram a concluir que roubar cargas era muito mais perigoso do que roubar bancos, empresas de guarda valores e carros-fortes. Nestes últimos, as quadrilhas têm acesso direto ao dinheiro e não são obrigadas a permanecer dias ou semanas com mercadorias que podem vir a incriminá-las, nem precisam arrumar receptadores capazes de denunciá-las à polícia. Quando foi solto, João Marcos entrou em contato com dois colegas dos assaltantes que conheceu na prisão: Glauco Matias, de 27 anos, natural de Belo Horizonte, e Ivan Andrade, de 29 anos, natural de Feira de Santana, na Bahia. No início de 2010, meu interlocutor ingressou no universo dos roubos contra instituições financeiras.

Na elaboração de assaltos contra bancos, carros fortes e empresa de guarda valores, ele desenvolve tarefas similares às que desenvolvia no roubo de cargas. Embora tenha passado por treinamento em pontaria, em uma escola de tiro em Ribeirão Preto, João Marcos evita a função de anunciar o assalto e render pessoas. Ele teme que sua inexperiência com armas possa prejudicar a ação criminal. Além de participar dos gastos com a logística e infraestrutura dos assaltos, colabora no mapeamento do local do crime, na elaboração de plano, coleta com afinco as informações sobre os sistemas de segurança dos bancos e a rotina dos seus funcionários.

Por dois anos, Rochelle, que tinha se separado do marido para ficar com João Marcos, acompanhou meu interlocutor em todas as viagens que ele fez para articular assaltos. Em novembro de 2008, ela engravidou e passou a morar em Vitória, em um apartamento que João Marcos lhe deu de presente. Quando a filha nasceu, ele não a assumiu formalmente, mas se comprometeu a arcar com as despesas do bebê e da mãe. Impossibilitada de viajar com o primo em seus deslocamentos corriqueiros para fazer assaltos, Rochelle acabou ganhando mais uma rival: Renata.

João Marcos e mais cinco comparsas tinham ido à Uberlândia, cidade do interior de Minas Gerais, para assaltar uma agência bancária. No local onde o crime seria realizado, ele conheceu a jovem Renata. Vejamos sua narrativa:

– Eu respirei o ar de Uberlândia e senti que ali tinha coisa boa para mim. A cidade de médio porte, bonitinha. Com praças, economia boa. Casas bonitas, muitos carros de luxo. Tinha muita gente com boa renda, poder aquisitivo. Todo lugar que a gente ia, tinha mulheres bonitas, nas ruas, nos restaurantes. Eu gostei muito da cidade. A gente chegou de manhã; de tarde eu já fui dar uma conferida no Banco do Brasil de lá. Uma pessoa de confiança tinha me garantido que no início do mês dava pra gente pegar de 600 a 900 mil. Eu fui conferir. Eu entrei lá no banco, tava olhando tudo, pensando como a gente ia fazer, observando o movimento, sem dar na vista. Aí, de repente, eu vi entrando uma morena linda de doer. Eu fiquei de olho nela. Fingindo que tava olhando minha conta e de olho nela. Aí eu sorri pra ela e falei "boa tarde". Pra minha surpresa, ela sorriu de volta e respondeu. Aí ela saiu, eu acompanhei e me apresentei. Convidei ela pra jantar; aí começou nossa história (Entrevista com João Marcos, realizada em 15/08/2008).

Depois que fez o assalto, João Marcos voltou à Uberlândia para se encontrar com Renata algumas vezes. Ao firmar namoro com a moça, ele decidiu abrir uma filial da sua loja na cidade. Desde então, todos os meses, ele fica uma ou duas semanas em Uberlândia, administrando negócios e em atividades de lazer, na companhia de Renata. A moça, que é estudante de administração de empresas, desenvolve a função de gerente comercial na loja de João Marcos.

A última entrevista que realizei com João Marcos foi em abril de 2009. Curiosa sobre as estratégias que ele utiliza para conciliar as três mulheres, fiz várias perguntas sobre a rotina desses relacionamentos e seus sentimentos por cada uma de suas companheiras. A respeito de Lívia, a única com quem é oficialmente casado, ele declara:

– A Lívia é um anjo. Eu amo muito minha esposa. Ela é uma mulher muito boa, muito correta. Eu acho que a coisa mais certa que eu já fiz na minha vida foi ter casado com ela. (...) É a minha fortaleza, a pessoa certa para criar meus filhos, cuida da minha avó com o maior carinho do mundo, como se fosse a avó dela. (...) A Lívia lembra a minha mãe, o rosto e o cabelo dela se parece com a minha mãe nas fotos que a minha avó tem. O jeito carinhoso dela também lembra a minha mãe nas poucas lembranças que eu guardo. A minha avó também fala que ela é muito parecida com a mamãe. (...) Ela é a ternura em pessoa, só reclama quando eu tenho que viajar de repente, sem planejar; ela não gosta. Mas quando eu aviso antes, ela entende. Nossa, eu tenho muita admiração por ela. A Lívia é a aquele tipo de pessoa que sabe cuidar, cuida dos nossos filhos, cuida da minha avó, cuida de mim (Entrevista com João Marcos, realizada em 13/04/2009).

Ciente das outras relações amorosas de João Marcos, ao ouvi-lo afirmar e repetir sua adoração por Lívia, perguntei se ele não tinha intenção de se separar da esposa. Mostrando-se incomodado com a pergunta, a negativa do meu interlocutor foi exaltada: “Jamais, nem com um revólver na testa eu deixaria ela. E se ela me deixar, eu passo o resto da minha vida correndo atrás dela”.

Mas os sentimentos de João Marcos por suas outras mulheres também parecem ser intensos.

Sobre Rochelle, ele diz:

João Marcos: Tem aquela energia de amor de primo entre a gente. Eu gosto muito dela, acho ela muito legal e é alguém que me conhece bem, sabe tudo sobre mim. Eu tenho a sensação de que ninguém me conhece tão bem como ela. Talvez, no fundo, o que rola entre a gente é uma grande amizade. O certo, talvez, era eu ter visto ela como uma irmã, mas o problema é que ela é muito bonita, gostosa pra caramba. Agora é tarde pra pensar assim, a gente já tem uma filha juntos.

Autora: E como é que vocês estão tratando essa situação da criança? Você fala que é sua filha, mas não registrou a menina. E o que sua tia e os outros da família pensam sobre isso?

João Marcos: Todo mundo acha que a filha é do ex-marido dela. Quando ela viajava comigo para ver os bancos, ela dizia em casa que estava indo rever o marido. Aí a gente fala que ele dá pensão, mas sou eu que sustento as duas. Todo mês eu vou pra Vitória, fico uns dias, quando dar eu fico uma semana, até mais. (...) A casa da tia Marta, mãe da Rochelle, fica bem longe da nossa casa. Quando a menina crescer mais, vai vir à tona, eu vou jogar pra frente, sempre. Se depender de mim, a Lívia nunca vai descobrir. Mas também eu nunca vou deixar a Rochelle na mão, até porque ela é minha prima e, com exceção minha avó, eu não tinha nenhum parente que fizesse parte da minha vida. Com Rochelle, eu sinto essa coisa de aconchego, de não ter segredo. Ela sabe de tudo da minha vida. (...)

Autora: Foi você que contou sobre a Renata? Ela reagiu bem?

João Marcos: Contar eu não contei, mas ela me conhece bem, andou mexendo no meu celular. Eu apago todas as mensagens, mas não teve jeito: ela ligou pra loja de Uberlândia; só sossegou quando descobriu. (...) Aí, você imagina não é? Foi aquele show: disse que não me queria mais, que ia contar pra Lívia, que ia contar pra Renata. Ela me deu o maior prejuízo na época, porque eu passei um mês praticamente só em Vitória com ela, deixei de tirar assalto, abandonei as lojas e fiquei o tempo todo em Vitória dando atenção pra ela, dizendo que não queria deixar ela, mas que também não podia deixar as outras nesse momento. Mas não foi nada do que eu disse que acalmou a Rochelle; ela só mudou de ideia porque eu fiquei ali um mês inteiro só com ela, fazendo todas as vontades dela. Aquela ali adora pensar que manda em mim (Idem).

João Marcos parece traduzir as relações com a esposa e as amantes a partir das terminologias e funções do sistema de parentesco, mas, surpreendentemente, não são as relações de afinidade que ele evoca. A caracterização e importância de suas três companheiras são apresentadas e significadas pelo meu interlocutor a partir de analogias com relações de consanguinidade. Se Lívia o faz lembrar de sua falecida mãe e Rochelle chega a ser pensada como uma irmã, Renata é associada à condição de filha. Vejamos sua fala.

– Renata pra mim é um troféu. Essa mulher é linda de doer; você precisa conhecer. Eu nunca pensei que fosse ter chance. Ela é mais nova que eu doze anos. Eu sei que eu sou um cara boa pinta, mas ela é muito areia para o meu caminhão. Eu acho que ela se sente atraída porque eu sou de fora de Uberlândia, sou viajado, tenho

mais experiência de vida do que ela. Mas é muito areia para o meu caminhãozinho; a Renata tem porte de atriz da Globo. (...) Eu fui correndo morar em Uberlândia por causa dela. Tudo bem que eu gostei da cidade, teve uma série de fatores. Lá é bom pra mim porque ninguém me conhece, não sai boatos de que eu tô ficando rico muito rápido. Em Ribeirão, já tinha muitas conversas, tinha gente perguntando quantas casas eu tinha, quantos carros. Eu não podia comprar mais nada lá, que vinha alguém perguntar como eu tava ganhando tanto dinheiro. Aí, vir pra cá foi estratégico, porque eu posso crescer e ninguém desconfia, ninguém sabe o que eu tenho. Então, foi por isso também, mas talvez eu não tivesse vindo tão rápido se não fosse por medo de um par de chifre. (...) Ela é um pouco minha filha, eu tou sempre explicando as coisas pra ela, ensinando, orientado. Qualquer assunto que ela tem dúvida, ela vem correndo me perguntar: assunto da faculdade, da televisão – se ela não entende, ela me pergunta. Eu me sinto um pouco pai dela (Idem).

**Embora afirme que ame as três companheiras e que não pretende se separar de nenhuma, João Marcos acredita que corre maiores riscos de perder Renata do que as outras duas:**

– A Lívia e a Rochelle, a gente já tem filhos juntos; eu acho difícil elas me deixarem. A Renata eu tenho um pouquinho de medo, porque mesmo pensando que eu sou solteiro, ela nunca me falou em casar. Ela toma anticoncepcional. (...) Enquanto ela não tiver um filho comigo, eu não vou tá totalmente seguro, sempre fica aquela pulga atrás da orelha. (...) Um filho é uma garantia a mais para o amor. Com uma criança para cuidar, a mulher não vai ter muito tempo para sair de casa, não sai à noite, pensa duas vezes antes de separar o filho do pai. Sempre vai ter aquela ligação entre os pais (Idem).

Mesmo ciente de estar falando de uma pessoa com um vasto repertório de fachadas e personagens construídos com base em informações inverídicas, não acho que João Marcos estivesse mentindo quando falava dos sentimentos por cada uma das suas mulheres. Essa forma de distribuir afetos e atenções tem relações com seu cotidiano de praticante de uma atividade ilegal, que mobiliza no dia-a-dia um repertório de agenciamentos para fugir das punições por seus crimes. Rotinas movimentadas e imprevisíveis produzem desdobramentos sobre sua subjetividade. Recorrentes mudanças de endereços e a necessidade de fugir da polícia, entradas e saídas em penitenciárias, experiências de medo e perigo, idas e vindas em suas fichas criminais e vidas afetivas, junto com a utilização corriqueira de nomes falsos, acabam por interferir nos processos de pensar e sentir dos meus interlocutores. Eles não só cometem mais um crime, o de falsidade ideológica, mas incidem sobre formas singulares de conceber o “eu”.

No texto “A ilusão biográfica”, Bourdieu (2000) chama a atenção para mecanismos socialmente vigentes que garantem a condensação e totalização do eu. Estes, segundo o autor, “favorecem e autorizam a experiência da vida como unidade e totalidade”. O *nome próprio* é apresentado como dispositivo de fixação de uma identidade ao organismo biológico. Tal

abstração, que não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre seu portador, teria o poder de arrancar as pessoas do tempo, espaço e de variações, segundo os lugares e momentos, atuando como “um ponto fixo em um mundo que se move” (Idem). Considerando que meus interlocutores em seu cotidiano subvertem as funções sociais de síntese, coerência e totalidade que o autor atribui ao nome próprio, é possível pensar que esses agentes, em alguns aspectos, escapam dos reducionismos concernentes a tal instituição. O cotidiano de um assaltante de banco viria dar relevo às multiplicidades e inconstâncias contidas em cada pessoa. Para Bourdieu (2000, p. 187), não somos mais do que “uma rapsódia heterogênea disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação, para a qual as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço”. O nome próprio, estando diretamente vinculado à “noção de pessoa” como unidade e constância, atuaria exatamente ocultando e suprimindo as contradições que nos são constitutivas e as transformações que continuamente sofremos.

Marcel Mauss (1974), a partir de uma cuidadosa análise diacrônica, demonstra que a compreensão de um eu singular não é uma noção dada ou natural, mas varia de acordo com os contextos sócio-históricos. Entre os *pueblos*, por exemplo, a pessoa não era concebida como uma unidade autônoma e separada do todo, mas tinha caráter de um personagem e suas ações variavam em sintonia com as características dos meios e círculos sociais. Características como unidade e indivisibilidade, inseparáveis da “noção do eu” que tendemos a tomar como natural, são apresentados por Mauss como um artefato, cuja urdidura levou vários séculos e foi refinada por diferentes etnias.

Algumas situações e contextos do cotidiano de assaltantes profissionais podem ser pensadas como espaço ou dispositivo de libertação das sínteses e simplificações que o nome próprio, como mecanismo de fixar um eu totalizado e unitário, impõe ao seu portador. Meus interlocutores, vivenciando a condição de foras da lei a partir de suas variadas faces e fachadas teriam a oportunidade de experimentar a dimensão flexível, instável e multifacetada do eu. O experimento de um cotidiano liminar marcado por mudanças de nomes, residências e laços conjugais constituiria uma alternativa de vida que relativiza e subverte a noção de pessoa fixada por instituições socialmente dominantes, tais como direito, religião e ciência, dentre outras.

O cotidiano de Auricélio e João Marcos sugere que a permissão que esses homens concedem a si mesmos de serem vários culmina em singularidades nas formas de significar a vida, planejar o futuro e vivenciar emoções. Vejamos um trecho da fala de Auricélio.

– Ah, eu me acho diferente, com certeza me acho. Essa vida que a gente acaba tendo que levar... Tem muita coisa que deixa a gente diferente, que ensina a ver as coisas de outro jeito, a viver a vida de outro jeito. Eu acho que também faz o cara deixar de ser orgulhoso, porque ele nunca vai poder juntar tudo o que ele foi. Juntar assim, em um só. Porque, assim, se ele se orgulha de uma coisa que ele fez em um lugar, muitas vezes ele não pode usar aquilo na vida que ele vive no presente. Não pode contar aquilo como uma vantagem pra ele porque não faz mais parte, não tem nada a ver com a vida da pessoa que ele tá sendo agora. Você começa a ficar mais desapegado. Você vê que tudo é passageiro e toda uma vida que você constrói em um lugar, que você constrói uma reputação, pode cair como um castelo de cartas. Então você aprende a ficar mais desapegado. Se der, deu. Se não der, não deu. Se não der certo uma coisa que você quer, dá certo outra, e você fica feliz do mesmo jeito. (...) Eu acho que eu aprendi a ser desapegado. Aprendi a não ser vidrado só numa chance só. Você passa a saber aproveitar muitas oportunidades. E também a gente fica especialista em começar de novo: um fim nunca é um fim; sempre você pode conseguir fazer um novo começo, pode fazer coisas diferentes de tudo que você já foi (Entrevista com Auricélio, realizada em 10/04/ 2008).

A disposição de começar e recomeçar parece subverter a visão da existência como um percurso retilíneo e de si próprio como um só, todo o tempo e a vida toda. Passa a se permitir possibilidades de múltiplos nascimentos, identidades e casamentos. A iminência de rupturas e interrupção de desempenhos desencadeia uma abertura nos horizontes para novas formas de vivências e parece promover um deslocamento de si para possibilidades outras. A vida dos chamados assaltantes de banco com quem desenvolvi diálogo são marcadas por discontinuidades, rupturas e recomeços. A utilização corriqueira de nomes fictícios e os múltiplos envolvimento afetivos simultâneos, que costumam resultar em filhos, parecem constituir os principais fatores de dissolução da pessoa como uma unidade coerente, dando lugar a variadas versões de si.

### **Algumas considerações**

Os vínculos afetivos simultâneos com uma, duas, três e até quatro mulheres, que residem em cidades diferentes, embora não ocorram de modo generalizado entre os assaltantes de banco, é uma situação recorrente entre tais personagens. Essa peculiar modalidade de poligamia, conforme tenho destacado, está associada a demandas e especificidades da atividade ilegal que desenvolvem: são homens que viajam com frequência, mudam de residência e cidade em curtos intervalos de tempo, precisam que outras pessoas assumam legalmente os bens adquiridos com o dinheiro que roubam. Desta feita, dividem-se entre vários personagens e famílias que constroem. Alguns dos meus interlocutores afirmaram preferência por uma de suas companheiras, alegando que não deixavam as outras mulheres com quem mantinham relações amorosas por motivos como a



existência de filhos ou a necessidade de ter quem assuma legalmente seus bens ou, ainda, por receio que a separação possa magoá-las ao ponto de denunciarem seus cônjuges fugitivos à polícia. No entanto, a maioria dos que mantinham múltiplos arranjos afetivos mostrou-se apaixonado por todas as suas mulheres, ressaltando o que consideram especial em cada uma delas. Foram corriqueiras as ênfases positivas em características diferentes nas companheiras de um mesmo homem, disparidades que faziam seus elogios e preferências parecerem contraditórios.

Um mesmo entrevistado me disse que gostava muito de Gina, uma de suas namoradas, porque ela é “tímida e reservada”, mas que também gosta de Tatiana, outra namorada, porque “ela é uma morena alegre que está sempre rindo”. Um deles se disse encantado pela esposa, Cristiane, justificando que “ela é uma mulher muito especial e, apesar de quarentona, continua gostosa demais, com o corpo todo em cima e ainda tem aquela cara de mulher perigosa”. Na mesma conversa, esse interlocutor também se afirmou apaixonado pelo “ar de inocente” e o “rosto de anjo” de Camila, uma jovem residente em Barretos, cidade do interior de São Paulo, com quem ele estava namorando há três meses. Não foram poucas as situações em que ouvi, confidências de homens enamorados por traços os mais variados, e aparentemente contraditórios, em suas diferentes companheiras.

Em relação à duração desses vínculos, tenho observado que a condição de “poligamia velada” na vida amorosa de praticantes de assaltos costuma se manter por longos períodos sem grandes transtornos. Conflitos e rompimentos ocorrem, geralmente, quando são presos. É somente ao se depararem com outras mulheres e filhos que a maior parte delas descobre a infidelidade do parceiro. Na condição de presidiário, é mais difícil para esses assaltantes, *experts* em desempenhos dramáticos e elaboração de personagens, manter em segredo os múltiplos enlances componentes de suas vidas afetivas fora dos muros penitenciários.

Se, fora da prisão, o homem vai ao encontro de cada uma de suas companheiras, quando preso, elas é que têm de ir até ele. Nesses períodos, tornam-se evidentes suas preferências ao escolherem que companheiras e filhos vão passar mais tempo com ele, durante as visitas na cadeia. Nas prisões brasileiras, não costumam ser permitidas mais do que duas visitas semanais. Tal regulação tende a gerar transtornos e dificultar as negociações de praticantes de assaltos presidiários com suas companheiras e destas entre si, visando um acordo sobre as datas e a periodicidade com que cada uma vai encontrá-lo. As visitas próximas ao Dia dos Namorados e ao Natal costumavam ser as que mais resultavam em conflitos entre as diferentes famílias dos meus interlocutores detentos, as escolhidas para lhes fazer companhia nessas datas geralmente se sentiam queridas e triunfantes ante as demais, que tendiam a ficar magoadas.

Tenho observado que o período imediatamente posterior à descoberta de que o companheiro pratica atividades ilegais é vivenciado por suas mulheres como surpresa, desilusão e vergonha diante de familiares e amigos. Mas a notícia abala, mas raramente chega a destruir um relacionamento amoroso. A revelação que efetivamente arrisca os laços de praticantes de assaltos com suas variadas companheiras ocorre quando elas descobrem que não têm exclusividade na vida amorosa do parceiro. Tal informação costuma provocar suplícios e dores que, segundo algumas mulheres com quem conversei, nunca são esquecidos, mesmo que o relacionamento tenha continuidade.

Quando descobrem a infidelidade de seus cônjuges, as mulheres geralmente sofrem, ficam enfurecidas e desejam romper o vínculo afetivo. Passado um dado período de arrebatamento, muitas, embora insatisfeitas e magoadas, mantêm a relação. Assim, tendem a incorrer em acirradas e incessantes competições com suas rivais pela atenção, afeto e confiança do amado. Cada uma delas mobiliza artimanhas específicas para a ganhar a preferência do companheiro recluso em regime fechado e ser requisitada para visitá-lo mais vezes do que as adversárias. Há casos em que uma dada mulher, sendo competente na gestão dos bens e negócios que o marido lhe confiou, utiliza-se desta qualidade para ganhar mais atenção dele; outras mulheres “ganham pontos” a partir de conquistas efetuadas no trato com juízes, promotores e o advogado do companheiro. Ao alcançarem êxito em investidas como antecipação do livramento condicional, transferência do parceiro para penitenciárias mais confortáveis ou outros tipos ganhos que resultem na amenização da situação penal do amado, essas mulheres pretendem sensibilizar o companheiro sobre o esforço que estão fazendo para tirá-lo da cadeia. Há também mulheres que, ao identificar intensidade no afeto do cônjuge por um(a) certo(a) filho(a) que têm em comum, incentivam e sublinham a ligação emocional, conseguindo, por meio dela, permanecer mais tempo com o pai da criança que suas concorrentes.

Nesses complexos enlances, chamam a atenção os agenciamentos dos diferentes personagens. Se a agência e a criatividade do praticante de assalto são manifestadas nas negociações e nos arranjos elaborados para assegurar namoros e casamentos com suas múltiplas companheiras – antes e depois de suas tendências poligâmicas ganharem visibilidade pública –, suas mulheres, depois de aceitarem que não são exclusivas na vida do companheiro e que sua relação com ele nunca foi monogâmica, também evidenciam vigor agentivo nas artimanhas mobilizadas para ganhar a atenção e a preferência do amado.

---

## Notas

<sup>1</sup> “Assaltos contra instituições financeiras” é uma categoria utilizada por delegados e policiais em referência a roubos, furtos e extorsões mediante sequestros, cujos alvos são agências bancárias, carros fortes e empresas de guarda valores, as chamadas bases de carros-fortes. Por se tratar de uma atividade criminal elaborada, que requer planejamento e investimento material para se efetivar, os praticantes desta modalidade de assaltos, usualmente tipificados como

---

“assaltantes de banco” tendem a ser vistos por outros “bandidos”, pelas polícias e agentes penitenciários como pertencentes a uma espécie de elite do crime.

<sup>2</sup> Na apresentação dos dados etnográficos deste artigo, todos os nomes próprios, sobrenomes, datas e nomes de lugares são fictícios. O objetivo é assegurar o anonimato de praticantes de assaltos, suas esposas, mães, familiares e amigos que contribuíram com a pesquisa.

<sup>3</sup> “Mina *sêra*” quer dizer “menina sereia”. Trata-se de uma expressão largamente utilizada por surfistas brasileiros para se referir a mulheres que consideram bonitas.

<sup>4</sup> Embora apresente similaridades e intersecções com a categoria “fachada”, a “face” possui uma imbricação maior com o *self* e interfere mais intensamente nas emoções do seu portador. Sem se referir diretamente a “aparências” e “cenários”, a face se define pelo comportamento dos agentes.

## Referências

- AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. (2010a), “Redes e conexões parciais nos assaltos contra instituições financeiras”. *Dilemas – Revista de Estudo de Conflitos e Controle Social*, Vol. 3, nº 10, pp. 75-100.
- \_\_\_\_\_. (2010b), *Príncipes e castelos de areia: Um estudo da performance nos grandes roubos*. São Paulo, Biblioteca 24 horas.
- BOURDIEU, Pierre. (2000), “A ilusão biográfica”. Em: FERREIRA, Marieta [e] AMADO, Janaina (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, pp. 183-192.
- REVISTA DOS TRIBUNAIS. (2002), *Código Penal*. São Paulo, 4ª edição.
- GOFFMAN, Erving. (1980), “A elaboração da face”. Em: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp. 76-114.
- \_\_\_\_\_. (1992), *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- MAUSS, Marcel. (1974), “Uma categoria do espírito humano: A noção de pessoa, a noção de 'eu'”. Em: *Sociologia e Antropologia*, Vol. 2. São Paulo, EPU e Edusp.
- TURNER, Victor. (1974), *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, Vozes.

**JÂNIA PERLA DIÓGENES DE AQUINO** ([perladiogenes@hotmail.com](mailto:perladiogenes@hotmail.com)) é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil). É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de São Paulo (USP, Brasil), mestre em sociologia pelo PPGS da UFC e graduada em ciências sociais pela UFC.